



SOARES, Angélica. “Sem pontes para o abismo”: um trágico percurso de busca de autoconhecimento pela mulher em “O risco na pele”, de Myriam Fraga. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, Julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>]

“SEM PONTES PARA O ABISMO”: UM TRÁGICO PERCURSO DE BUSCA DE AUTOCONHECIMENTO PELA MULHER EM “O RISCO NA PELE” DE MYRIAM FRAGA.

Angélica Soares*

RESUMO

Através de um diálogo entre imagens literárias e questões apontadas por algumas teóricas representativas da teoria crítica feminista, focaliza-se o conjunto de segmentos poéticos intitulado “O risco na pele”, integrante do livro homônimo de Myriam Fraga. Os poemas são lidos como recriação individualizada da iminência do trágico no percurso de busca de autoconhecimento da mulher oprimida pelo patriarcalismo e desvalorizada pela ideologia dualista dominante na cultura ocidental. Neles projetam-se situações de incomunicabilidade, impostas comumente às mulheres e bloqueadoras da constituição de identidades. Essas situações, em sua circularidade constitutiva, parecem tornar inútil o arriscar-se para além de um “muro sem portas”. Assim, “o risco na pele” é o “sinal da derrota” denunciada, poética e gradativamente, nos cinco poemas da série, como fatalidade que se guarda e se refaz num “(...) precipício / Do princípio e do fim”.

PALAVRAS-CHAVE: poesia brasileira contemporânea, gênero, identidades.

ABSTRACT

Through a dialogue between literary images and issues raised by some representative authors of feminist critical, this article focuses on the set of poetic segments titled “O risco na pele”, part of Myriam Fraga’s homonym book. The poems are read as the imminence of the tragic individual recreation in the woman search for herself, when she is oppressed by patriarchy and devalued by the dualistic ideology dominant in Western culture. Within the poems, non communicability situations are projected, which are commonly imposed on women, blocking the formation of identities. These situations, in

* angelicasantossoares@gmail.com

Professora de Teoria Literária e Literatura Comparada - UFRJ

their constitutive circularity, seem to render unnecessary the venturing beyond a “wall without doors”. Then “the risk in the skin” is thus “signal of defeat”, which is denounced, poetic and gradually, within the five poems in the series, as a fatality that is preserved and remade in “(...) the precipice / from the beginning and the end”.

KEYWORDS: contemporary Brazilian poetry, gender, identities

Abismo, tanto em grego como em latim, designa aquilo que é *sem fundo*, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas. Nos textos apócrifos simboliza globalmente os **estados informes da existência**.

Chevalier & Gueerbrant, *Dicionário de símbolos*

Na verdade, precisamos procurar em todos os aspectos de uma sociedade, inclusive a crítica feminista, as expressões e consequências de relações de dominação. Devíamos insistir que todas essas relações são sociais, isto é, elas não são o resultado de possessão diferenciada de propriedades naturais e desiguais entre tipos de pessoas. Jane Flax, “Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista”

Uma das possibilidades de leitura do conjunto de segmentos poéticos intitulado “O risco na pele”, integrante do livro homônimo de Myriam Fraga, é a da interpretação das imagens como recriação individualizada de um trajeto de busca de autoconhecimento pela mulher oprimida por “tecnologias de gênero” (Lauretis, 1994, p. 228) patriarcais, que sustentam ideologias dominantes de dualismo e hierarquia dentro da cultura ocidental.

Sabemos com Val Plumwood que

[d]ualismo é o processo pelo qual conceitos contrastantes (por exemplo, identidades de gênero masculinas e femininas) se formam pela dominação e subordinação e se constroem como oposicionais e exclusivas (...). No dualismo, os lados mais altamente valorizados (masculinos, humanos) são definidos como alienados e de uma natureza diferente, ou ordem de ser, do lado mais “baixo”, inferiorizado (mulheres, natureza) e cada um é tratado como faltando em qualidades que tornam possível superpor associação ou continuidade. A natureza de cada um é construída de maneiras polarizadas através da exclusão de qualidades compartilhadas com o

outro; o lado dominante é visto como fundamental, o subordinado é definido em relação a ele. O efeito do dualismo é, nas palavras de Rosemary Radford Ruether, “naturalizar a dominação” (2003, pp. 31-2, tradução nossa).

Dos princípios dualistas, que separam e opõem, resultam nivelamentos hierárquicos de opressão, baseados na importância atribuída a um dos dois elementos em questão ou em causalidades que pretendem justificar a polarização – nivelamentos esses construídos socialmente, de modo a parecerem naturais.

Em relação à construção de identidades pelas mulheres, não se pode deixar de levar em conta o fato de que a dominação e a subordinação masculinistas, alicerçantes do dualismo, têm forjado uma diferença essencialista da Mulher, a partir de uma identidade também essencialista do Homem, como uma categoria universal e imutável. Assim, diferenças femininas, submetidas ao “sistema social de sexo-gênero” (Lauretis, 1994, p. 216), se instituem negativa e depreciativamente pelo que não é masculino, desconhecendo-se as peculiaridades das mulheres, bem como o que pode ser compartilhado por homens e mulheres. Disso resulta um processo identitário feminino alienante, porque decorrente da atuação dogmática do “falocentrismo, pelo qual os que dispõem do poder sexual e social mantêm seu domínio” (Eagleton, 1983, p. 203). E, ao invés de alteridades constituídas sem discriminações de gênero, o que se verifica, predominantemente ainda hoje, é o posicionamento do homem como sujeito e da mulher como sujeitada.

Em “O risco na pele”, esse processo evidencia abismos e limites constantes na trajetória identitária da mulher que, se movendo num caos tenebroso, busca incessantemente construir uma autoimagem. Nos cinco poemas que compõem o conjunto, pode-se surpreender um percurso trágico, na medida em que, como uma fatalidade, repetem-se os passos de uma caminhada para o abismo; o que faz “explodir os contornos de um mundo” (Staiger, 1972, p. 153), aniquilando-se “a razão de uma existência” (Soares, 2007, p. 61). Senão vejamos:

I

Guardo de mim
Ferozmente o silêncio
E o apascentar de cóleras
Subterrâneas.

É da fêmea
O abismo
E as obscuras
Forças da terra,

É da mulher
A longa
Gestação dos metais

O parentesco da argila,
O lento cozinhar
De tijolos ao sol,

Este fuso, esta linha
Enrolada no tempo,
É da mulher o cerne
Do que importa,

A lâmina nos pulsos
E o sinal da derrota.

(1979, p. 103).

Ao buscar, pela memória, o reconhecimento de si, a mulher fraguiana se encontra confinada num espaço de infelicidade e trevas. Num contexto sufocante e obscuro, a espera longa e lenta, “enrolada no tempo” e ligada a tarefas ancestrais destinadas à mulher, oculta “cóleras subterrâneas”, “ferozmente” guardadas em “silêncio”. Daí emergir, na forma de um desabafo poético, a constatação revoltada da condição feminina marcada, historicamente, pelo silenciamento e pelo trágico “sinal da derrota” impresso pela “lâmina nos pulsos”.

Nesse silêncio abismático, a mulher interroga, em uma solitária tentativa de autoentendimento:

II

Que pode a solidão
Contra o mistério?

Procriamos sem cessar,
Nós, hemisférios
De fúria e calma

A ciência do corpo
Como um toque
De profundíssimo olhar.

Consciência de ser
Nos seus limites,
Quando a vida é tão forte
Que destrói.

(1979, p. 104).

No mover-se pelo que, enquanto “mistério”, não se deixa decifrar e, na divisão entre “fúria e calma”, põe-se em questão o ato de procriar: a “ciência do corpo”. Disso resulta não mais a pseudovalorização patriarcal da imagem da “Mãe”, mas a “consciência de ser / nos seus limites”.

Com referência à imagem de “Mãe”, Teresa de Lauretis remete-nos para Lea Melandri, em *L'infamia originaria*:

A mulher já entra na história com sua concretude e singularidade perdidas: ela é a máquina econômica que reproduz a espécie humana, e ela é a Mãe, um equivalente mais universal do que o dinheiro, a medida mais abstrata que a ideologia patriarcal inventou (1993, p. 115).

Também Rosiska Darcy de Oliveira, em *Elogio da diferença*, ao reunir dados que nos permitam compreender os avios e desvios da história das mulheres no mundo ocidental, dá relevo ao fato de que

“o endeusamento da maternidade se fazia acompanhar de toda uma ideologia de submissão, de conformismo, de aceitação de fronteiras” (1991, p. 144).

Nos versos acima, explicita-se, como constatou Melandri, a atuação da mulher como uma máquina reprodutora da espécie humana, do que resulta o cerceamento de realizações femininas fora do lar. Essa limitação se tem alicerçado no argumento da indispensabilidade da mulher no espaço doméstico, como resultante de uma divisão do trabalho dentro da espécie humana, como uma questão de complementaridade (Lauretis, 1993, p. 103). Esse argumento tem sido bastante convincente de que, domesticada, ela impera e realiza plenamente a sua feminilidade. E assim segue obedecendo ao que lhe foi historicamente inculcado, mediante sanções, prescrições e tabus, como se decorresse de uma ordem imutável das coisas.

O diálogo com essas reflexões permite-nos interrogar: de que modo situar a gestação dos filhos como uma escolha entre outras de contribuição da mulher como ser social? Como se livrar a mulher da aceitação de fronteiras que está por trás do lugar falsamente honroso de Rainha do Lar? Não podemos respondê-las sem levar em conta que a ordem sexual e a econômica operam juntas e a posição atribuída à mulher não é um espaço isolado, mas uma posição na existência social em geral, pois hoje sabemos que, pelo

conceito fundamental do feminismo, de que o pessoal é político (...), não mais podemos afirmar que existam duas esferas da realidade social: a esfera privada ou doméstica, da família, sexualidade e afetividade, e a esfera pública, do trabalho e da produtividade (...). Em vez disso, poderíamos imaginar vários conjuntos inter-relacionados de relações sociais – relações de trabalho, classe, raça e sexogênero (Lauretis, 1994, p. 215).

A inevitabilidade do “silêncio” (poema I), da “solidão” (poema II) e da “tristeza” (poema III), decorrente do confinamento da mulher “nos seus limites”, vem constituindo, a cada segmento de “O risco na pele”, o sentido trágico do percurso de busca de uma autoimagem até que se explicita, no terceiro poema da série, a inutilidade dessa procura. Em cada um dos poemas, Myriam Fraga recria a força trágica isoladora, imobilizadora e reveladora de verdades que amedrontam e que podem levar à destruição de uma vida:

III

É da fêmea

A tristeza

E a cinza na testa,

Este grito plantado

No fundo do peito

E o rastro desfeito

É o poço do espanto

E o lodo subindo

Na cal de seus medos.

É da fêmea o segredo

Das chuvas, o sêmen

E o sal das colheitas

É o prato e a fome

Os postigos, o claustro,

A armadilha, o disfarce

E os silos, as chaves,

O muro sem portas,

O anzol no vazio

E as traves, a trava.

(1979, p. 105).

O tom confessional do segundo poema se substitui, aí, pela forma de constatação denunciadora (iniciada na segunda estrofe do primeiro poema do conjunto), como modo poético-conceitual de distinção do que “É da fêmea”. Nessa forma, inclui-se o ritual das cinzas, a lembrar a força da tradição judaico-cristã, que abarca o reconhecimento da condição humana de ser poeira e cinza e a renúncia à

vaidade terrena. A expressão do abismo social, psicológico e existencial, no qual se submergem “medos” e segredos (explicitados na terceira estrofe), se intensifica com as imagens de enclausuramento e do logro astucioso, sempre escondido no “disfarce” dos “pseudoprivilégios” (Pintasilgo, 1981, p. 32), que tendem a camuflar a situação de injustiça e de marginalidade experimentada historicamente pelas mulheres.

Assim, desfaz-se “o rastro” da revolta; plantam-se “no fundo do peito” (espaço lodoso e de frequentação da morte) o “espanto” e o “grito”. Do mesmo modo, internaliza-se a inutilidade da busca (“o anzol no vazio”) e do arriscar-se a fim de ultrapassar “o muro sem portas” e para enfrentar os entraves a um livre curso identitário: entraves referidos, aliteradamente, como “traves” e “trava”, para que se intensifique a sua carga expressiva e sua eficácia ideológica.

A partir do quarto segmento da série em foco, o processo cerceado de refazimento do eu se explicita apoiado, sobretudo, nos “parcos vis recursos” do sonho e do que, ao “imaginar-se” além de sua baixa valorização, dispõe a mulher para autoconhecer-se:

IV

Recrio no escondido,
Me abandono
Aos parques vis recursos
Do que sonho.

Neste chão me revolve,
Desentranho
Toda uma inútil alquimia,
Cão sem sono
A imaginar-se sempre

Além do preço
Vil que nos pagam
(nos pagamos).

Refaço sem cessar
Meus horizontes,
Meu círculo, meu limite
Ou o que suponho
Ser meu sinal de sangue.
Sou meu dono.

(1979, p. 106).

A inferiorização da mulher começa a ganhar nitidez nas figurações da segunda estrofe, na qual fica ainda clara a interiorização da inferioridade, na experiência de revolver-se e de tirar das entranhas “uma inútil alquimia”. Nunca é demais lembrar que essa interiorização se cristaliza pela atuação de estratégias que naturalizam a dominação masculina, atrelada não só a ações de violência física contra as mulheres, mas também pela violência simbólica, uma vez que esta

se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado / baixo, masculino / feminino, branco / negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (Bourdieu, 2005, p. 47).

A forma incorporada da relação de dominação leva a mulher a se autodesvalorizar-se, uma vez que aceite a submissão ao poder dominante como algo próprio de sua natureza. Isso porque a ideologia não se refere somente ao sistema de crenças, incorporando também a legitimação do poder; processo que envolve, pelo menos, seis estratégias diferentes:

Um poder dominante pode legitimar-se *promovendo* crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* ideias que possam desafia-lo; *excluindo* for-

mas rivais de pensamento; mediante talvez alguma lógica não declarada, mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo (Eagleton, 1997, p. 198).

Na dicção fraguiana, a mulher se paga o mesmo “preço vil” que recebe. A inutilidade do inquirir-se “sem cessar”, que remete para a aparente inevitabilidade das crenças e dos valores naturalizados pela ideologia do gênero, também se projeta no poema, como um estado de alerta permanente (“cão sem sono”).

O desejo de constituir-se como sujeito, de ser seu próprio “dono”, realiza-se no “sonho”, embora, até mesmo nele, se disponha de tão pouco e se chegue ao “círculo” e ao “limite”. A suposição toma o lugar do desvelamento da verdade; o que dá à última imagem do poema um sentido irônico. Assim, somos conduzidos poeticamente para o sentido da ausência de experiências da intersubjetividade e do diálogo igualitário, promotoras do trânsito identificatório entre diferentes tipos de pessoas.

Com as imagens do “círculo” e do “limite”, pode-se pensar na ficcionalização da “situação de marginalidade e de ex-centricidade” (Hutcheon, 1991, p. 90) das minorias sociais, a girarem, num circuito fechado, intransitivamente, em torno de um centro garantidor da polarização privilegiadora dos detentores do poder sócio-políticoeconômico. Contra essa situação tem reagido, entre outros movimentos, o das feministas, promovendo

efeitos liberadores, como efeito do deslocamento da linguagem da alienação (não-identidade) para a linguagem da descentralização (diferença) porque o centro utilizado para funcionar como pivô entre opostos binários sempre privilegiava um dos lados: branco/negro, homem/mulher, eu/outro, intelecto/corpo, Ocidente/Oriente, objetividade/subjetividade... (Hutcheon, 1991, p. 90).

Esse deslocamento, que faria emergir, positivamente, as diferenças nos processos identificatórios autênticos, no entanto, ainda está longe de se efetuar de modo satisfatório, apesar dos avanços do feminismo tanto no sentido de desconstruir os opostos binários, trazendo para a cena o que estava recalcado culturalmente, quanto no trabalho de enfrentamento da hegemonia do falocentrismo e, em especial, das concepções essencialistas do gênero.

Ao pensar relacionamente as questões de gênero e de constituição de identidades, não se pode, todavia, deixar de lembrar que:

Coube ao feminismo problematizar o processo de constituição do sujeito, enfatizando, como questão política e social, o tema da formação e produção das pessoas como sujeitos generizados, isto é, politizou-se a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. O que era apenas um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se, para incluir a formação das identidades sociais e de gênero. Hoje se reconhece que refletir sobre o sujeito torna-se indispensável e, quando se fala da morte do sujeito, esta é uma referência à concepção de um sujeito fixo (ou sujeito iluminista) (Soares, 2009, p. 103).

Contra a situação social de risco, na qual se vê não raramente a mulher e que se reflete nos processos de autoidentificação como um “ciclo”, uma série de “conflitos” que insistem e se sucedem numa ordem determinada, nos parece também querer mobilizar Myriam Fraga ao mimetizar a iminência trágica do “precipício”, pois para ele têm sido destinadas inúmeras mulheres como uma fatalidade que se guarda e se refaz. E, com ele convivem, ainda hoje, aquelas que permanecem controladas por mecanismos opressivos, sustentadores da dominação masculina. No poema conclusivo de “O risco na pele”, os riscos do querer saber-se vão mais longe, configurando-se como uma experiência extrema de limites: sempre “o mesmo girar”, na direção de um espaço “infinito”, sem fundo e sem fim, que o sujeito não se arrisca a ultrapassar:

V

Assim se cumpre

O ciclo

Dos previstos.

Traço na areia

Passo repetido

De um caminho

Sem pontes

Para o abismo.

Refaço o mesmo círculo,

Mesmo girar

Em busca de infinito.

Recomeço de mim,
 De meus conflitos,
 Reponho os alfinetes
 Neste grito
 De cólera solto
 Como um risco
 Na pele,

Como um friso
 Que vai do olho
 À boca
 Num sorriso.

As tesouras na carne
 São só o precipício
 Do princípio e do fim
 Que não arrisco.
 (1979, p. 107).

Os “previstos” metaforizam a lei, e a lei patriarcal prevê as hierarquias, assim como institui a incomunicabilidade do subalterno. E o que há é “um caminho / Sem pontes / Para o abismo”. Onde a possível travessia? O “grito” poético, revelador das marcas do desespero riscadas na “pele”, liberando a “cólera” reprimida, parece responder que existe ainda um “abismo” a ser transposto, no sentido de salvaguardar igualmente as diferenças no jogo das identidades. A imagem do recuo do sujeito na borda do “precipício” traz ao universo fraguiano uma “atmosfera profundamente, modernamente trágica (...), o novelo que nada pode dissolver, o nó que ninguém consegue desfazer”, conforme ressaltou Ettore Finazzi-Agrò (2006, p. 124) em ensaio sobre a obra de Lya Luft.

Se, por um lado, o texto de Myriam Fraga parece-nos desenhar, tragicamente, um “abismo” intransponível na constituição de alteridades, por outro lado nos leva a refletir sobre a necessidade de construção de “pontes” que interliguem os sujeitos, no sentido de um relacionar-se desierarquizado e promotor de identidades autênticas.

À beira do “abismo” se tem que aprender a voar.

Artigo recebido: 20/03/2011

Artigo aceito: 30/07/2011

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Vieira & Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora UNESP; Boitempo, 1997.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “Morte com espectador – A persistência do trágico em Lya Luft”. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2006, pp. 117-133.

FLAX, Jane. “Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista”. Trad. Carlos A. de C. Moreno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, pp. 217-250.

FRAGA, Myriam. *O risco na pele*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. Trad. Susana B. Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 206-242.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PINTASILGO, Maria de Lourdes. *Os novos feminismos*. Lisboa: Moraes, 1981.

PLUMWOOD, Val. *Feminism and the mastery of nature*. London: Routledge, 2003.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Transparências da memória – estórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.